

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII
COLEGIADO DE PEDAGOGIA – COLPED**



VALDEMILSON DOS SANTOS VIEIRA

**CULTURA POPULAR: O ARTESANATO DE PALHA DA
COMUNIDADE DE JACUNÃ**

SENHOR DO BONFIM – BA

2011

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII
COLEGIADO DE PEDAGOGIA – COLPED**

VALDEMILSON DOS SANTOS VIEIRA

**CULTURA POPULAR: O ARTESANATO DE PALHA DA
COMUNIDADE DE JACUNÃ**

Monografia apresentada ao Departamento de Educação / Campus VII – Senhor do Bonfim, da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção de graduação no Curso de Pedagogia com Habilitação em Docência e Gestão de Processos Educativos.

Orientador: Professor Pascoal Eron Santos de Souza

SENHOR DO BONFIM – BA

2011

VALDEMILSON DOS SANTOS VIEIRA

**CULTURA POPULAR: O ARTESANATO DE PALHA DA
COMUNIDADE DE JACUNÃ**

Aprovada em ____ de _____ de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Professor: Pascoal Eron Santos de Souza Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Orientador

Profº Examinador

Profº Examinador

Cada vez que somos levados a qualificar uma cultura humana de inerte ou estacionária, devemos, portanto, nos perguntar se este imobilismo aparente não resulta da ignorância que temos de seus interesses verdadeiros, conscientes e inconscientes, e se, tendo critérios diferentes dos nossos, esta cultura não é, a nosso respeito, vítima da mesma ilusão. Ou seja, apareceríamos um ao outro como desprovido de interesse, muito simplesmente porque não nos parecemos.

(Lévi-Strauss)

A minha mãe Valdelice dos Santos Vieira, pelo apoio e incentivo, por tudo que ela significa para mim e pelo que sou, a minha irmã Daciane dos Santos Vieira, meu pai Manoel Mendes Vieira, minha avó Anita Baldoino dos Santos e meu avô Mário Mendes Silva (in memória). Em fim a todos os meus amigos e familiares.

As mulheres artesãs da Comunidade de Jacunã que de forma carinhosa e gentil contribuíram para a produção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Pai, criador que através da sua vontade e bondade, me concedeu o dom da vida. Sei que em todos os dias de minha existência Ele está comigo. “É dele a vitória alcançada em minha vida”

Meu agradecimento especial a minha família, “sangue do meu sangue” que estão sempre ao meu lado, a minha amada mãe, meu pai, minha avó e minha irmã. Não poderia esquecer o Sr. Antônio Ferreira do Nascimento que através do apoio, companheirismo e ajuda principalmente nos momentos mais difíceis, esteve presente, sendo ao mesmo tempo amigo e mestre.

A todos os meus amigos e colegas da turma 2006.1 e 2007.1. Acredito que fui privilegiado de poder participar de duas turmas tão boas. Cada pessoa com que convivi tem o seu valor e um significado importante na minha vida, pois cada pessoa é única e ninguém substitui a outra.

Meus sinceros agradecimentos a todos os professores que de forma relevante e significativa contribuíram para minha formação acadêmica. Em especial queria agradecer ao meu orientador Pascoal Eron dos Santos Souza, compreensivo, atencioso e de uma dedicação extraordinária e, sobretudo pela paciência e as intervenções salutareis imprescindíveis para a minha formação.

E por fim agradeço a UNEB em especial o Campus VII.

RESUMO

O presente trabalho discute sobre o artesanato de palha da comunidade de Jacunã, enfatizando na perspectiva dos artesãos a sua importância social, cultural e também comercial. O artesanato é uma tradição cultural passada de geração em geração, expressando, modos, costumes, crenças, formas, estilos, simbolizando o fazer de um povo. O fazer artesanato está ligado à raiz cultural do artesão, mas o que realmente marca o objeto artesanal é a identidade local, a cultura que se expressa através dele. A cultura conservada pelas comunidades é acima de tudo a conservação de sua própria história, de suas raízes, seu cotidiano. Contudo, o tempo e as transformações sociais que ocorrem tornam o processo difícil e aos poucos os saberes populares vão se perdendo, no entanto, trabalhar e divulgar o artesanato e seus processos é uma forma de manter viva a cultura de uma região. Diante disso, destacamos o objetivo desse trabalho: analisar como os artesãos se identificam como sujeitos integrantes de uma manifestação da cultura popular e como o artesanato de palha é importante para a comunidade de Jacunã. Realizamos a pesquisa de natureza etnográfica, cujos instrumentos de coleta de dados foram à observação participante, o questionário fechado e a entrevista semi-estruturada. As falas dos sujeitos evidenciaram as peculiaridades que envolvem a produção artesanal e todo o seu processo desde a retirada da matéria prima até a comercialização. Assim comprovamos a relevância do artesanato de palha que além de ser um elemento cultural, apresenta-se como alternativa ocupacional. Este como atividade econômica concentra hoje, um significativo número de artesãos que através do trabalho transformam matérias-primas em produtos artísticos culturais, registrando o fazer e o saber de um povo.

Palavras-chave: Cultura Popular. Artesanato. Comunidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – ARTESANATO E CULTURA: O CONTEXTO DE UMA PESQUISA	12
1.1 Cultura e Artesanato.	12
CAPÍTULO II – CULTURA POPULAR: O ARTESANATO DE PALHA DA COMUNIDADE DE JACUNÃ	16
2.1 Cultura Popular	16
2.2 Artesanato	22
2.3 Comunidade	25
CAPÍTULO III – METODOLOGIA	28
3.1 Pesquisa Etnográfica	28
3.2 Sujeitos da Pesquisa	28
3.3 Locus de Pesquisa	28
3.4 Instrumentos de Coleta de Dados	29
3.4.1 Observação Participante.....	29
3.4.2 Questionário Fechado	30
3.4.3 Entrevista Semi-Estruturada	30
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	32
4.1 Perfil dos Sujeitos.....	32
4.1.1 Gênero	32
4.1.2 Estado Civil e Filhos.....	32
4.1.3 Nível de Escolaridade	33
4.1.4 Religiosidade.....	33
4.2 Síntese dos Dados do Questionário Fechado	33
4.3 Análise da Entrevista Semi-Estruturada	34
4.3.1 Significado de Cultura Popular.....	34
4.3.2 Principais Manifestações da Cultura Popular	35
4.3.3 Origem da Comunidade de Jacunã	37

4.3.4	Significado de Comunidade	38
4.3.5	Surgimento do Artesanato de Palha na Comunidade	39
4.3.6	Processo de Fabricação do Artesanato Jacunaense	40
4.3.7	Comercialização dos Produtos.....	41
4.3.8	Importância do Artesanato de Palha para a Comunidade de Jacunã	43
4.3.9	A Esperança no Horizonte: Caminhos a Serem Percorridos.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS		47

REFERÊNCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

No início da existência humana, as pessoas viviam sem maiores preocupações. Para se alimentarem, colhiam frutos das árvores, caçavam animais pequenos, vestiam-se de peles e moravam em cavernas. Os instrumentos ainda eram poucos desenvolvidos: lascas de pedra, pedaços de madeira. Todos tinham que trabalhar para viver. Do trabalho retirava-se o sustento de todos. Lentamente o progresso foi sendo feito. Os homens aprenderam a fazer vasilhas de barro. Fizeram arcos e flechas. Começaram a caçar animais maiores. Descobriram o fogo. Ao começarem a construir suas casas, homens e mulheres passaram a conquistar e dominar a natureza.

O homem na sua vivência produz história, constrói seu mundo e o reproduz através da cultura. Desse modo, a cultura significa o modo de vida de um povo e manifesta-se nos seus atos e artefatos, sendo uma grande “teia de significados”, tecida pelos próprios homens.

Vivemos em um país onde grande parte dos seus habitantes possui habilidades manuais, trazidas das culturas dos índios, negros, imigrantes e das necessidades de sobrevivência. Soma-se a isto, a nossa riqueza e diversidade de materiais fornecidos pela natureza. Estas habilidades, diversidades culturais, e materiais aliados à criatividade na confecção de artefatos, fizeram com que o artesanato se tornasse um caminho para capacitar comunidades excluídas. Um produto artesanal é o resultado de várias ações que devem estar sincronizadas com a cultura e bem estar do grupo a ser focado.

Assim, desejamos neste estudo entender qual a importância do artesanato de palha para a comunidade de Jacunã na perspectiva dos artesãos.

Esse trabalho de pesquisa traz como maior objetivo: Analisar como os artesãos se identificam como sujeitos integrantes de uma manifestação da cultura popular e como o artesanato de palha é importante para a comunidade.

Organizamos esse trabalho em quatro capítulos que tratam de assuntos necessários à exploração do tema e ao desenvolvimento e conclusão da pesquisa.

No primeiro capítulo fazemos uma abordagem geral sobre cultura e artesanato, enfatizando a diversidade que é composta, destacando a multiplicidade existente nesse contexto que se apresenta nesse trabalho.

No segundo capítulo são mencionados os pressupostos teóricos do tema apontado, bem como é enfatizado a cultura do artesanato de palha.

No terceiro capítulo abordamos a metodologia e os instrumentos escolhidos para a realização da pesquisa, sendo escolhida a pesquisa etnográfica. E como instrumentos a observação participante, a entrevista semi-estruturada e o questionário fechado para traçar o perfil dos sujeitos.

No quarto capítulo, apresentamos o resultado da pesquisa feita com os artesãos, fazendo uma análise e interpretação sobre os dados coletados.

Por fim, a presente pesquisa traz algumas reflexões sobre os dados que foram analisados e interpretados.

CAPÍTULO I

ARTESANATO E CULTURA: O CONTEXTO DE UMA PESQUISA

1.1 Cultura e Artesanato

No mundo globalizado em que vivemos o consumismo é eminente. A todo o momento nos são oferecidos uma gama de novos e diversificados produtos. Estes advêm de grandes fábricas e empresas e adentram nossas casas, ruas, escolas enfim nossas vidas. Isso acentua as diferenças sociais, econômicas e culturais, pois historicamente o trabalho artesanal não tem seu valor reconhecido e/ou merecido.

Percebe-se que arraigado a esse contexto histórico, a sociedade brasileira que é composta por uma grande diversidade étnico-cultural, continua marcada, embora com algumas mudanças significantes, por uma produção que não atende a toda essa diversidade. Essa que, por sua vez, deve ser encarada como um patrimônio a ser preservado e valorizado, pois constitui dinamicamente a identidade dos povos e estabelece uma forte relação entre cultura e sociedade.

Podemos afirmar que o nosso país se constitui num grande complexo cultural que se originou da mestiçagem de grupos étnicos como os índios, os brancos e os negros. Onde cada um com seus traços culturais próprios, misturam-se e nos dão como produto a cultura brasileira rica em diversidade cultural. Murray (2008) complementa que o encontro das culturas indígenas, européias e africanas promoveu no Brasil um diversificado repertório cultural.

Nossa riqueza cultural está espalhada por diversas áreas artísticas como na literatura, na música, na dança, e em grande escala na produção artesanal. O artesanato é uma das formas mais significativas de demonstrar nossa transculturação de técnicas de produção que inicialmente foram trazidas das culturas dos índios, negros e portugueses e que mais tarde se expandiram.

Destacamos o artesanato, uma das mais belas formas de manifestação de um povo, pois é um dos elementos formadores da cultura popular. Implica em técnica e arte de um indivíduo que exerce por conta própria uma arte, um ofício manual. Como sistema de trabalho que engloba diversos processos, o artesanato assinala um avanço cultural e só apareceu como conseqüência da divisão de campo ocupacional no período histórico em que a precisão de meios de subsistência e os hábitos de vida em sociedade passaram a exigir maior produção de bens.

Assim, pode-se resumir que o artesanato é uma forma de expressar a cultura popular, está ligado as mais variadas formas de expressão do cotidiano. É a arte de se apropriar das manifestações e transcrevê-las nos objetos.

A arte evidencia-se no artesanato como forma de expressão do gênio criador do homem e de sua ordem estética, pois permite, sumariamente, a materialização da subjetividade do artesão através da replicação de objetos, que se diferenciam uns dos outros por pequenos detalhes nas formas de criar, copiar e manusear a matéria-prima. O artesanato, ainda hoje, tem como fonte de inspiração as crenças, religiões, tradições, modos de vida e valores, e promove a representação da realidade cotidiana através da produção e seriação de utilitários como vestimentas, adereços, mobiliários, peças decorativas e funcionais (MARINHO, 2007, p. 04).

Portanto, é através do conhecimento, da mistura de técnicas e elementos culturais que o artesão desenvolve seu ofício, dando forma a matéria, transformando-a em um produto único, com uma identidade cultural e um valor social em todos os produtos por ele desenvolvidos.

Neste contexto, Santos (1994) explica que a realidade social aliada à cultura local é responsável por determinar as características dos objetos e saberes produzidos pelo povo. Portanto, a região, o clima e a cultura influenciam diretamente as características da vida social; a culinária, o vestuário, artesanato e o modo de pensar das pessoas. “Esta tendência traz a necessidade de o artesão ter consciência de que não basta fazer artesanato, mas que seu produto deverá estar conectado com as particularidades do território” (MARINHO, 2007, p. 06).

O artesanato tradicional no seu contexto de produção reflete na sociedade, isto é, nos modos de vida dos artesãos. Como afirma Leite (2003) em sua cartilha sobre artesanato:

Todo artesanato tem valor cultural, mas apenas alguns guardam a memória de saberes tradicionais que se perpetuam e se renovam na arte de fazer. Esses saberes condensam experiências coletivas e demarcam formas de transmissão do conhecimento técnico e estético (LEITE, 2003, p. 4)

Leite (2003), ainda comenta sobre o processo artesanal em relação ao produto e ao produtor. No qual menciona suas dimensões, a social (que reflete nos modos de vida de quem os produz), a pedagógica (que se materializa nos saberes que se difundem e no conhecimento integral do saber-fazer), a simbólica (que se externaliza no produto como bem cultural) e a econômica (que se concretiza nas trocas, quando o artesanato é alçado à categoria de mercadoria).

Todos os saberes do artesanato são compartilhados, ou seja, de acordo com os costumes e o dia-a-dia dos artesãos. Dessa forma o artesanato que além de contribuir para o resgate da nossa cultura, apresenta-se como alternativa ocupacional, para amenizar os graves problemas decorrentes do desemprego estrutural, da precariedade das relações do trabalho e do elevado custo de vida que aflige, de maneira geral, a população brasileira e não só a local. Este como atividade econômica concentra hoje, um significativo número de artesãos que através do trabalho transformam matérias-primas em produtos artísticos culturais, registrando o fazer e o saber de um povo.

O fazer artesanato está ligado à raiz cultural do artesão, todavia, o que realmente marca o objeto artesanal é a identidade local, a cultura que se expressa através dele. A cultura conservada pelas comunidades é acima de tudo a conservação de sua própria história, de suas raízes, seu cotidiano. Contudo, o tempo e as transformações sociais que ocorrem tornam o processo difícil e aos poucos os saberes populares vão se perdendo. No entanto, trabalhar e divulgar o artesanato e seus processos é uma forma de manter viva a cultura de uma região.

Portanto, situamos aqui, este estudo que toma como local de pesquisa a comunidade de Jacunã, município de Jaguarari – BA. Comunidade rica por sua diversidade cultural, onde podemos encontrar fortemente enraizadas os costumes e tradições de um povo, que através de suas manifestações: Reisado, samba de palma, banda de pífano, festa de Santo Antônio, queima de Judas e, sobretudo do artesanato de trançar a palha para fabricação de esteiras, bolsas, sacolas e principalmente chapéu, tem sua identidade intimamente ligada a essa cultura que ao longo dos anos vem sendo perpassada de geração para geração.

Diante dessa diversidade, iremos enfatizar especialmente o artesanato de palha culturalmente popular na comunidade e de grande relevância para a população local. Em face disso, o tema que norteará esse trabalho é Cultura Popular: O artesanato de palha da comunidade de Jacunã, tendo como questão de pesquisa: qual a importância do artesanato de palha para a comunidade de Jacunã na perspectiva dos artesãos?

Objetivos da Pesquisa

Analisar como os artesãos se identificam como sujeitos integrantes de uma manifestação da cultura popular e como o artesanato de palha é importante para a comunidade de Jacunã.

CAPÍTULO II

CULTURA POPULAR: O ARTESANATO DE PALHA DA COMUNIDADE DE JACUNÃ

Nosso quadro teórico está embasado em três conceitos - chave: Cultura Popular, Artesanato e Comunidade.

2.1 Cultura Popular

Contrariamente ao comportamento dos animais, quase bitolado e esquematizado, o dos homens, assemelhando o contexto da humanidade de um mosaico, apresenta grandes variedades, pois o comportamento humano é um comportamento aprendido. O homem não vive predeterminado pelo instinto. O homem aprende a viver. Essa característica de aprender a viver e a humanizar-se recebe o nome de cultura.

Percebe-se então que a cultura é tão antiga quanto a raça humana. Por esse motivo e por tratar-se de um termo com muitas definições e repleto de ambiguidades, visto que cada povo, nação e/ou grupo social têm suas próprias peculiaridades culturais como os padrões de comportamento do homem, e tudo aquilo que engloba os modos comuns e aprendidos na vida, transmitidos, através das gerações.

De início trazemos Laraia (2003) que destaca:

O termo cultura vem do verbo latino colere (cultivar, criar, cuidar) que originalmente era utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. No final do século XVIII, o termo germânico Kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, já na França, civilization refere-se principalmente às realizações materiais de um povo (p. 25)

Podemos denotar ainda, segundo conceito antropológico, no sentido de pensá-la como:

O complexo dos modos de vida, dos usos dos costumes, das estruturas e organizações familiares e sociais, das crenças do espírito, dos conhecimentos e das concepções dos valores que se encontram em cada agregado social: em palavras mais simples e mais breves, toda atividade do homem entendido como ser dotado de razão (SATRIANI, 1986, p. 41).

Alguns idealistas pensavam-na como apenas ligada ao campo das crenças, dos valores e das idéias. Canclini (1983) propõe, então restringir o uso do termo cultura para:

Produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido (p. 29).

Comungando com a afirmativa, Chauí (1986), diz que cultura era então o cuidado com tudo que dissesse respeito aos interesses do homem, quer fosse material ou simbólico. Nesse sentido, Canclini (1983), afirma que sua proposição de conceituação de cultura não se encaminha no sentido de identificar o cultural com o ideal, nem o de material com social, nem sequer imagina a possibilidade de analisar esses níveis de maneira separada.

Segundo essas denominações antropológicas, podemos definir cultura como a rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis, moral, línguas, etc. Assim, ela é uma tarefa social e não individual, não é somente adquirida, ela é também transmitida, refletindo as inovações e descobertas das experiências vividas pelo homem. Vianna (2008), enfatiza que:

Entende-se aqui por cultura os sistemas de significados, os valores, crenças, práticas e costumes; ética, estética, conhecimentos e técnicas, modos de viver e visões de mundo que orientam e dão sentido às existências individuais em coletividades humanas (p.119)

Portanto, a cultura é elemento da produção humana, construída através dos tempos e por vários povos, sendo resultado da interferência do homem no mundo que o cerca e do qual faz parte. "A cultura é a criação conjunta do indivíduo e da sociedade, que interagem mútua e reciprocamente, para se servirem, manterem, sustentarem e desenvolverem um ao outro." (MOTANGU, 1972, p. 131).

Sendo assim, todos os homens são sujeitos da cultura na medida em que participam de algum modo da criação cultural, estabelecem certas normas para sua ação, partilham valores e crenças. Supor que alguém não tenha cultura é absurdo e discriminatório, pois não se deve interpretar a cultura apenas no seu aspecto intelectual mais refinado. O ser humano é um ser cultural. A respeito disso, Cortella (2003) nos esclarece:

Nós humanos somos, igualmente, um produto cultural; não há humano fora da cultura, pois ela é o nosso ambiente e nela somos socialmente formados (com valores, crenças, regras, objetos, conhecimentos etc.) e historicamente determinados (com as condições e concepções da época na qual vivemos) (p.42)

Diante do exposto, nos parece concebível dizer que a cultura é parte da vida do povo em toda sua plenitude e que todas as pessoas possuem cultura. "Tudo o que um determinado grupo de pessoas, que vivem junto como uma população em funcionamento aprendeu a fazer como seres humanos, o seu modo de vida, em suma, deve ser considerado como cultura." (MONTAGU, 1972, p. 14).

Se vivemos numa sociedade dividida em classes sociais, com elementos com condições econômicas e educacionais distintas, provenientes de diferentes lugares, cada um deles, ou cada grupo deles, terá um saber próprio. Não havendo espaço para comparações de culturas superiores e/ou inferiores, mas culturas diferentes, que carregam características próprias de seu povo.

Conforme o exposto, salientamos que não existe uma cultura homogênea e uniforme, haja vista, a cultura possuir uma pluralidade imensa. Marconi e Pressoto (1986) nos trazem algumas aceções e classifica a cultura em: material, imaterial, real e Ideal e define-as em:

Cultura material consiste em coisas materiais, bens tangíveis, incluindo instrumentos, artefatos e outros objetos materiais, fruto da criação humana e resultante de determinada tecnologia. (...) Cultura imaterial refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não tem substância material. Entre eles encontram-se as crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores. (...) Cultura real é aquela em que, concretamente, todos os membros de uma sociedade praticam ou pensam em suas atividades cotidianas. (...) Cultura ideal consiste em um conjunto de comportamentos que, embora expressos verbalmente como bons, perfeitos para o grupo, nem sempre são frequentemente praticados (p. 46 – 47)

Diante das definições sobre essas diversas maneiras que a cultura pode se classificar percebemos a sua multiplicidade e heterogeneidade. Podemos observar como ainda aponta Bosi (1986), uma cultura erudita, uma cultura popular e uma cultura de massas. Ele as conceitua em:

Cultura de massa, indústria cultural, (...), uma realidade cultural imposta “de cima para baixo” (dos produtores para os consumidores). (...) Cultura popular, uma realidade cultural estruturada a partir das relações internas no coração da sociedade (...) sistema de idéias, imagens, atitudes, valores. (...) Cultura erudita, transmitida na escola e sancionada pelas instituições, (...), esquemas oficiais (p. 63-64).

Partindo dos pressupostos acima, onde notamos uma variedade de cultura, enfatizaremos nesse objeto de estudo à cultura popular. Tentaremos, portanto, circunscrever essa expressão de modo a não deixá-la demasiadamente ampla e vaga. Alguns pesquisadores observam-na de certa estereotipia no sentido que a grande maioria dos estudos versa sobre apenas ligada as manifestações festivas e/ou religiosas. Com relação ao mencionado Freire (2003), enfatiza que:

Quando falamos em cultura popular estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas do povo brasileiro, mas ao conjunto de suas criações, às maneiras como se organiza e se expressa, aos significados e valores que atribui ao que faz (...) (p.13).

Dessa forma, fica claro que a cultura popular é o resultado de uma interação contínua entre pessoas de determinadas regiões, que tem um saber e conhecimento próprio. Canclini (1983) deixa claro que a cultura popular “deriva também do fato de que o povo produz no trabalho e na vida, formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais” (p.43).

A partir do pressuposto, Bosi (1987) acrescenta que: cultura popular "é a cultura que o povo faz no seu cotidiano e nas condições em que ele a pode fazer..." (p. 44). Sendo cultura do povo ela é plural, abrangendo inúmeras áreas do conhecimento como as crenças, artes, moral, linguagem, idéias, hábitos, tradições, usos e costumes, artesanato, folclore etc..

No Brasil com a diversidade existente, ocorre que não existe uma cultura homogênea, resultado de um processo plural de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço. Cada região, estado, cidades e povoados têm suas particularidades que difere umas das outras descartando a possibilidade de unidade cultural ou do uso da expressão identidade nacional. Portanto:

A partir da cultura popular, é possível pensar um outro país, uma ou várias alternativas de Brasil. Isto porque a cultura popular brasileira é um estoque inesgotável de conhecimentos, sabedorias, tecnologias, maneiras de fazer, pensar e ver nossas relações sociais... (SILVA, 2008, p. 09).

Ressaltamos aqui a importância histórica de evidenciar o surgimento da cultura popular no Brasil, onde nos anos 60 surge fortemente um movimento ideológico contra uma classe dominante, buscando espaço para os movimentos sociais, políticos, educacionais e culturais das classes menos favorecidas da sociedade brasileira. Como pontua Gullar (1965):

A expressão cultura popular surge como uma denúncia dos conceitos culturais em voga que buscam esconder o seu caráter de classe. Quando se fala em cultura popular acentua-se a necessidade de pôr a cultura a serviço do povo, isto é, dos interesses efetivos do país (p. 1)

Nesse sentido, Fávero (1983) destaca o que se pretendia com a cultura popular, "transformar a cultura brasileira e, através dela, pelas mãos do povo, transformar a ordem das relações de poder e a própria vida do país". (p. 9). Assim, buscava-se um governo de fato democrático, onde todos pudessem participar, de forma atuante, das ações em prol do reconhecimento dos movimentos sociais realizados pelas classes menos favorecidas, denominada assim como cultura popular. Gullar (1965) enfatiza ainda que a cultura popular seja, em suma, a tomada

de consciência da realidade brasileira. Fávero (1983) definiu a cultura popular neste período como:

[...] o que se denominou cultura popular, que se definiu e que se defendeu ora como um instrumento de luta política em favor das classes populares surgiu fazendo a crítica não apenas da maneira como se pensava “folclórica”, “ingênuo” a cultura do povo brasileiro, mas também e principalmente os usos políticos de dominação e alienação da consciência das classes populares, através de símbolos e dos aparelhos de produção de “uma cultura brasileira”, ela mesma colonizada, depois internamente colonialista (p. 9)

Por serem produtores das narrativas, o grupo que fazia parte da cultura que domina, escreveu a história pelos olhos colonizadores de dominação, passando a versão da história como verdade absoluta. Nesse aspecto, Novaes (1984), faz uma crítica a essa cultura e os meios de comunicação que sempre buscaram impor sua ideologia.

[...] a ideologia dominante – mesmo não sendo a única em, um sistema capitalista – é a que se impõe, através dos mecanismos de dominação (educação, religião, costumes, meios de comunicação). Assim, a maneira como a classe dominante age será a maneira como todos os membros da sociedade irão agir e pensar (NOVAES, 1984, p. 183)

Portanto, não basta apenas ser receptores de uma indústria cultural, e sim agentes que participam e produzem diuturnamente cultura, se firmando como construtores de cultura popular. Estevam (1963) pontua que:

A cultura popular não é mais que uma reforma, mas uma reforma de sentido revolucionário porque sabe unir dialeticamente a possibilidade imediata ao objetivo final e porque assume como objetivo final a transformação material da sociedade. Ela não é o que será a nossa cultura, não é a solução ideal da questão cultural brasileira, mais um encaminhamento de resolução mais estratégico que qualquer outro (p. 37)

Assim, precisa-se compreender que a cultura popular se faz presente nas ações diárias, no modo como lidamos com os semelhantes, os códigos e regras que regem o sistema de conduta, das mais simples ações e nas várias formas de ser e agir. Ainda, explicando sobre cultura popular, Fávero (1983) diz:

É popular a cultura quando é comunicável ao povo, isto é, quando suas significações, valores, idéias, obras, são destinadas efetivamente ao povo e respondem às exigências de realização humana em determinada época; em suma, à sua consciência histórica real (p. 23)

Contudo, a cultura será popular, a partir do momento que o sujeito se entender como autor da sua própria criação cultural e da sua história, de forma que traga significado pra sua vida, através das ações produzidas pelos próprios indivíduos. Nesse sentido Silva (2008) esclarece:

Enfim, é preciso recusar a hierarquização das expressões culturais e sua articulação em culturas subalternas e culturas dominantes. É necessária uma ou outra visão do processo cultural como um todo, (...). Recusar a subalternidade da cultura popular, recuperar sua importância fundamental é concebê-la a ocupar um lugar privilegiado de onde se pode pensar e ver criticamente, perspectivas analíticas capaz de pensar em profundidade os principais nós e estrangulamentos da história do e da cultura brasileira em geral. (p. 9)

Diante disso, percebemos que a cultura popular deve ser bem compreendida, no sentido de estar a favor do povo e feita pelo povo, devendo atender efetivamente os interesses dos cidadãos. Nesse sentido a cultura popular se tornará instrumento relevante, contribuinte para o fortalecimento das relações sociais, proporcionando reflexão e atuação crítica para construção de uma sociedade mais justa e democrática, onde todos possam ter seus direitos e deveres garantidos igualmente.

2.2 Artesanato

No processo evolutivo da raça humana desde tempos remotos, o homem inventou e fez instrumentos e descobriu processos que lhe aumentaram a eficácia da ação produtiva. Os primeiros objetos feitos pelo homem eram artesanais. Isso pode ser identificado no período neolítico (6.000 a.C) quando o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar a cerâmica como utensílio para armazenar e cozer alimentos, e descobriu a técnica de tecelagem das fibras animais e vegetais.

Através desse processo a história assinala a presença de objetos feitos a mão em todas as épocas e nas mais variadas culturas. Então o homem utilizando-se de

ferramentas simples e de materiais do próprio ambiente em que vivia confeccionava produtos que facilitavam a sua vida.

Sendo assim, evidenciamos que a história do artesanato tem início no mundo com a própria história do homem. Fajardo (2002), diz que “historicamente, o artesanato é uma tradição, uma linhagem de conhecimento que vai passando de pai para filho, de mestre para discípulo” (p. 07). Assim a necessidade de se produzir bens de utilidades e uso rotineiro, e até mesmo adornos, expressou a capacidade criativa e produtiva como forma de trabalho, sendo passado de geração em geração, possuindo grande valor histórico e sócio-cultural.

A atividade artesanal está ligada aos recursos naturais do estilo de vida das pessoas, sendo que o trabalho se orienta no sentido de produzir objetos de uso mais comum no lugar, seja em função utilitária, lúdica, decorativa ou religiosa. “Nesse cenário, o artesanato se destaca pela originalidade, porque expressa a cultura de um lugar” (FAJARDO, 2002, p. 07).

O conceito de artesanato ainda não está bem delineado ou uniforme, em sua abrangência maior, uma vez que autores fecham o conceito na dimensão cultural popular por tradição, enquanto que outros se voltam para o lado da arte criativa de uma atividade de predominância manual. Lima e Azevedo (1982) destacam que artesanato é

[...] uma atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambiente doméstico ou pequenas oficinas, postos de trabalho ou centros associativos, no qual se admite a utilização de máquinas ou ferramentas, desde que não dispensem a criatividade ou a habilidade individual e de que o agente produtor participe, diretamente de todas ou quase todas as etapas da elaboração do produto (p. 18)

Hoje, os estudiosos do assunto definem artesanato como sendo qualquer objeto fruto de um trabalho predominantemente manual, feito com a ajuda de ferramentas simples ou máquinas rudimentares, que se baseia em temática popular e utiliza a matéria-prima local ou regional. O objeto criado, por sua vez, deve transmitir aspectos da cultura regional e exprimir originalidade étnica e geográfica.

Inicialmente o que caracteriza o artesanato é a transformação da matéria-prima em objetos úteis, quem realiza esta atividade denomina-se artesão, este reproduz objetos que chegaram até ele através da tradição familiar ou cria novos de acordo com suas necessidades, colocando em seu produto sua cultura e experiência, procurando valorizar os objetos através da arte manual, exclusiva e única. Fajardo (2002) acrescenta ainda que o artesanato é único, possui uma expressão cultural bastante forte, está ligado a originalidade e criatividade do artesão.

A aprendizagem do trabalho artesanal se dá geralmente na vivência do indivíduo com o meio artesanal onde o aprendiz maneja a matéria-prima e as ferramentas e imita os mais entendidos no ofício de sua preferência. Então o artesanato não é apenas um objeto, mas uma experiência, uma característica, um “espelho” que reflete toda uma história de vida de quem o faz.

O Brasil, por ser muito extenso e ter sofrido a influência de diversos povos, possui uma produção artesanal bastante rica e diversificada, que varia de região para região. No nordeste, em particular, encontramos uma grande diversidade, os nordestinos utilizam vários materiais oriundos da flora e da fauna nativa.

Atualmente, em todas as partes do país, é possível encontrar produção artesanal diversificada, feita com matérias-primas regionais e com técnicas específicas que variam de acordo com a cultura e o modo de vida do povo de cada localidade. Esses contrastes, além de tornarem o nosso artesanato ainda mais rico, criam uma marca de identidade nacional, transmitindo a origem e a história do povo que o produz.

Não podemos falar em artesanato somente com o objetivo comercial, pois ele pode ser produzido para consumo próprio ou mesmo doação sem perder sua característica artesanal. Além disso, esse produto normalmente reflete a relação desse artesão com o meio onde vive e a sua cultura, sendo fruto da manifestação da vida comunitária.

2.3 Comunidade

Ao falarmos de comunidade o que vem a nossa cabeça é que é a forma de viver junto. Isto se justifica, quando recorrermos aos termos latinos *communio* e *communitas* que são equivalentes para significar comunhão, participação e congregação. Assim, todos que comungam interesses semelhantes, isto é, "comuns a todos", formam uma comunidade.

Na idade média as comunidades religiosas eram conhecidas por *comunas* que tem o sentido de "comunidade cooperativa", geralmente igualitária, formada por motivos econômicos, políticos ou ideológicos. Ainda sobre o aspecto religioso as igrejas cristãs chamam de "comunidades primitivas" os grupamentos dos primeiros seguidores de Cristo, que, em Roma e no Império Romano, enfrentavam perseguições e martírios por causa da fé. Na Bíblia é narrado em Atos dos Apóstolos 2: 44 (1983) que "eles tinham tudo em comum".

Para compreendermos os aspectos fundamentais e essenciais do conceito de comunidade, resgatamos alguns aspectos das contribuições teóricas de pensadores clássicos, como Weber (1973), para quem a comunidade é um conceito amplo que abrange situações heterogêneas, mas que, ao mesmo tempo, apóia-se em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais. Ele ainda coloca comunidade como:

Uma relação social quando a atitude na ação social – no caso particular, em termo médio ou no tipo puro – inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo (p.140).

Dada algumas acepções a respeito de comunidade Fichter (1967), ressalta que uma palavra que é rodeada de significados múltiplos, requer uma cuidadosa definição técnica, ao que propõe: comunidade é um grupo territorial de indivíduos com relações recíprocas, que servem de meios comuns para lograr fins comuns. Assim, ela é um conjunto de interações, comportamentos humanos com significado e expectativas entre os seus membros. Não se trata apenas de uma ação isolada, mas de um conjunto de ações que têm como base a partilha de expectativas, valores, crenças e significados entre os indivíduos.

É notório que todas as definições encaminham-se para o mesmo ponto, no sentido de que comunidade é a forma de vida em comum, cuja essência é constituída por uma relação entre os homens derivada da existência de uma obra comum que os prende entre si. Ao integrar-se em uma comunidade, o homem busca a aceitação do outro, a identificação do grupo, o fortalecimento da união. Isto leva, de um modo geral, à solidariedade, ao apoio mútuo, ao sentimento de grupo, de unidade, ou seja, existe uma verdadeira interação grupal.

Essa interação se dá através da vivência comum constituída de sensações (prazer, dor), sentimento e atitudes (raiva, amor, cortesia) e símbolos (gestos vocais ou outras linguagens escrita ou falada, que seus agentes trocam mutuamente). São, portanto, três os níveis em que se processa a interação social da comunidade: o nível dos sentidos, o nível das emoções e o nível das idéias. É neste último que entra o processo de comunicação destinado a reforçar o grau de interação do grupo na medida em que exterioriza suas manifestações em cada um dos três níveis, valorizando essas formas de expressão.

Neste sentido, denota-se que as noções de parentesco e de território não são condições essenciais e obrigatórias para se caracterizar uma comunidade, mas sim a comunhão de escolhas, a vontade comum, a partilha de um mesmo ideal.

Martin Buber (1987) relaciona comunidade a Vida. Para ele, “comunidade e Vida são uma só coisa”. Ao tempo que coloca:

(...) A comunidade é fim e fonte de Vida. Nossos sentimentos de vida, os que nos mostram o parentesco e a comunidade de toda a vida do mundo, não podem ser exercitados totalmente a não ser em comunidade. E, em uma comunidade pura nada podemos criar que não intensifique o poder, o sentido e o valor da Vida. Vida e comunidade são os dois lados de um mesmo ser (p. 34)

A comunidade possui uma vida própria que transcende a soma de todas as vidas de todos os seus membros. Enquanto uma organização social, a comunidade é uma entidade cultural, que é algo que ultrapassa os próprios indivíduos que a constituem. Fávero (1983) complementa que “uma comunidade humana só se faz

sentir em razão da capacidade que o homem tem, através do conhecimento e da ação, de transformar o mundo natural em mundo de cultura” (p.15)

As comunidades geralmente são grupos formados por familiares, amigos e vizinhos que possuem um elevado grau de proximidade uns com os outros, onde comungam interesses, pensamentos e idéias em prol da coletividade. Nas comunidades, as normas de convivência e de conduta de seus membros estão interligadas à tradição, religião, consenso e respeito mútuo.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

3.1 Pesquisa Etnográfica

Realizamos uma pesquisa etnográfica, definida por Lüdke e André (1986, p. 13) como aquela que envolve a obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada. Na comunidade de Jacunã, município de Jaguarari – BA buscamos conhecer o dia a dia das pessoas que trabalham com o artesanato de palha, para que pudéssemos com base nesta pesquisa, alcançarmos o nosso propósito.

Inicialmente, fizemos uma observação sistemática da comunidade, que nos deu condições de perceber como vivem aqueles artesãos no seu dia-a-dia: crenças, mitos, cultura, enfim, ali estava a vida de cada um à nossa frente. Esta técnica de pesquisa nos remete ao cotidiano do pesquisado, inserindo-nos naquele meio como um espectador-participante (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.38).

3.2 Sujeitos da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 14 pessoas, mas entrevistados foram 05 (cinco), sendo todas do sexo feminino, pessoas adultas, que estão intimamente ligadas ao artesanato de palha, suas origens e processo de construção que denotam a riqueza cultural de um povo que mantém a tradição de seus ancestrais até os dias atuais. É importante ressaltar que todos moram na comunidade.

3.3 Lócus de Pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida na comunidade de Jacunã, Jaguarari – BA, que dista 11 km da sede do município. A escolha justifica-se pela diversidade

cultural e, sobretudo pela produção artesanal do traçado em palha que simboliza o povoado e seus habitantes.

3.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Para alcançarmos o nosso objetivo, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: a observação participante, o questionário fechado e a entrevista semi-estruturada.

3.4.1. Observação Participante

O uso da observação participante na pesquisa é bastante relevante, pois possibilita ao pesquisador ficar diante da realidade, se dispor a viver/conviver e estar aberto ao contexto observado. Nesta visão Cruz Neto (1994) diz:

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os obstáculos. Nesse processo, ele, ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto (p. 59).

Nesta mesma linha de raciocínio Raupp e Beuren (2003) destacam que o pesquisador deve mergulhar profundamente na cultura e no mundo dos sujeitos da pesquisa. Quanto maior for a participação, maior a interação entre pesquisador e membros da investigação, colaborando para a busca de um resultado mais consistente a partir do estudo, possibilitando a aplicação da prática da temática que está sendo investigada.

Segundo Cruz Neto (op. cit.) a pertinência deste instrumento reside no fato de o pesquisador captar uma variedade de situações que não são obtidas por meio de perguntas, visto que, observados diretamente na própria realidade, “transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real (p. 60)”. A observação participante centra-se nos primeiros momentos na entrada no local da pesquisa, sequencialmente o investigador desenvolve sua capacidade de empatia, observação

e a aceitação dele por parte do grupo. Estes fatores são decisivos nesse procedimento metodológico, que não são alcançados através de simples receita.

O contato com os sujeitos aconteceu de forma harmoniosa, pois o fato de residir na comunidade e conhecer a todos foi preponderante para que houvesse uma interação mútua.

3.4.2. Questionário Fechado

O questionário fechado é um dos principais instrumentos de trabalho utilizado no campo da pesquisa. Barros (2000) e Gressler (1989) dizem que o questionário fechado não está limitado a uma determinada quantidade de questões, e que não deve ser exaustivo ao pesquisando.

Questionário é constituído por uma série de perguntas organizadas, com o objetivo de levantar dados para uma pesquisa, cujas respostas são formuladas pelo informante ou pesquisadas sem a assistência direta ou orientação do investigador. Todas as questões do questionário são pré-elaboradas e as respostas são dadas por escrito (GRESSLER, 1989, p.58).

Sendo assim, o questionário fechado se deu por ser um importante instrumento de trabalho utilizado no campo da pesquisa para coletar os aspectos sócio-culturais dos sujeitos envolvidos. Portanto tal questionário deve ser direto, rápido e simples de responder de forma objetiva e organizada; assegurando aos entrevistados que os dados recolhidos não serão cedidos a terceiros, sendo utilizado com maior sigilo das informações.

3.4.3 Entrevista semi - estruturada

A entrevista é uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais, desempenhando importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas outras atividades humanas. A entrevista semi-estruturada Segundo Ludke e André (1986) “pode ser considerada como pratica discursiva, de forma a entendê-la como ação (interação situada e contextualizada por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da

realidade) (p. 34)”. Diante disso, ela acontece a partir de um instrumento básico para a coleta de dados; proporcionando uma interação recíproca entre quem pergunta e quem responde.

A entrevista permite que os sujeitos expressem oralmente, permitindo ao entrevistador aprofundar, questionar, e recolher uma diversidade de informações. Good e Hatt (1968) pontuam:

[...] a entrevista permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornem sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas. Enquanto outros instrumentos têm seu destino selado no momento em que saem das mãos do pesquisador que os elaborou, a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. (p. 137)

Ainda segundo Taveira (2002) a entrevista semi-estruturada é relevante porque não ocorre a partir de questionários preestabelecidos, com perguntas fechadas para não limitar aquilo que desejassem dizer os entrevistados aos entrevistadores. O entrevistador deve estabelecer uma relação de confiança e respeito com os entrevistados, “a ponto de uma entrevista se assemelhar a uma conversa entre amigos (p. 110)”. Assim o material coletado torna-se mais rico; a não-linearidade própria desta pesquisa é mostrada possibilitando o encontro dos meios necessários para a sua leitura.

Objetivando conhecer melhor a realidade da comunidade, em estudo, realizamos entrevistas individuais. Utilizamos como estratégia a informalidade dos questionamentos para motivar um relato espontâneo sobre a formação da comunidade, sobre sua cultura, sobre o artesanato e como aprenderam a traçar a palha para confecção dos objetos. As entrevistas foram realizadas in loco com 14 (quatorze) artesãs, moradoras da comunidade, com o intuito de observar, ouvir e perceber um pouco da realidade comunitária. Cabe ressaltar que todas as informações aqui colocadas foram autorizadas pelas artesãs.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Esta pesquisa foi realizada com participantes maiores (adultos), sendo utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação participante, questionário fechado e a entrevista semi-estruturada. A partir desses instrumentos tivemos conhecimento da cultura popular e de como o artesanato de palha é importante para a comunidade de Jacunã.

Portanto, neste capítulo, apresentaremos a análise e interpretação dos dados, a fim de alcançarmos o objetivo da presente pesquisa.

4.1 O Perfil dos Sujeitos

As informações abaixo são resultados da análise dos questionários com o objetivo de traçar o perfil das artesãs entrevistadas.

4.1.1 Gênero

Com relação ao gênero, 100% são do sexo feminino. Dessa forma, notamos que a atividade artesanal da comunidade é uma tarefa geralmente desempenhada pelas mulheres. Reforçando concepções e idéias do passado, que afirmam ser de responsabilidade da mulher cuidar da casa, desenvolver trabalhos manuais e educar os filhos.

4.1.2 Estado civil e filhos

Na comunidade a constituição familiar é vista como essencial tanto para o homem quanto para a mulher. O matrimônio é sempre um momento especial, quando há casamento acontece uma grandiosa festa na comunidade. Todas as artesãs entrevistadas são casadas.

Constatamos que 100% das artesãs têm filhos. Dentre esses 31,25% tem entre 01 e 03 filhos, 43,75% tem 03 e 05 filhos e 25% tem acima de 05 filhos. Diante dos dados, observa-se que todos têm filhos, o que nos mostra que a transmissão da cultura do artesanato de palha poderá ser continuada, já que esse ofício é passado de geração para geração.

4.1.3 Nível de Escolaridade

Do total dos entrevistados 30% se declararam analfabetas e 45,3% são alfabetizados e 24,7%, possuem o ensino médio. Em se tratando de educação, notamos um percentual alto de pessoas que não tem escolaridade, ficando mais acentuado entre os idosos.

4.1.4 Religiosidade

Com relação à religiosidade, 100% dos entrevistados afirmaram serem católicos. Diante disso, podemos constatar também que a comunidade, segundo as artesãs é toda católica. Isso fica mais acentuado nas festas religiosas, principalmente no mês de junho, onde é comemorada a trezena de Santo Antônio que vai de 1º a 13 de junho. Portanto, são treze noites de louvor e devoção e uma verdadeira entrega por parte dos moradores, no sentido da colaboração para ornamentação da igreja, preparar a liturgia, organizar a procissão. Na procissão o grupo de pífano segue o andor com o santo e a população segue em procissão pelas ruas até chegar à igreja local, onde é realizado o trezenário de Santo Antônio.

4.2 Síntese dos Dados do Questionário Fechado

A análise do questionário nos possibilitou conhecer os sujeitos da pesquisa em seus aspectos sociais, facilitando assim traçarmos o perfil dos artesãos da comunidade pesquisada. Os dados nos revelam também as condições em que estes artesãos vivem. Dentre as muitas informações coletadas, destacamos as seguintes:

A produção do artesanato é uma tarefa predominantemente feminina, todas são casadas e possuem filhos.

Quanto à questão escolar, temos um dado preocupante, pois possui um acentuado número de analfabetos, principalmente entre as pessoas idosas.

Já na questão religiosa, constatamos que predomina o catolicismo, onde no mês de junho a comunidade celebra a festa de seu padroeiro Santo Antônio.

4.3 Análise da Entrevista Semi-Estruturada

Apresentamos aqui os resultados da entrevista semi-estruturada, associada à observação participante que nos mostram como os artesãos se identificam como integrantes dessa manifestação da cultura popular que é o artesanato de palha da comunidade de Jacunã. Utilizamos o gravador, e em seguida transcrevemos as falas na íntegra. O discurso de cada artesã está representado pela letra A seguida de algarismos arábicos (1, 2, 3, 4, 5) para manter o anonimato e a identidade dos sujeitos.

4.3.1 Significado de Cultura Popular

Com relação ao significado de cultura popular, percebemos que 100% dos entrevistados possuem conceitos pessoais que demonstram conhecimento e estão associados a sua vida e a seu cotidiano. Pelas respostas das entrevistas trazemos aqui:

Para mim, cultura popular, são festas... dança e muita coisa que o povo faz. (A1)

São manifestações do povo, arte, artesanato, festas, folclore, enfim cultura do povo. (A2)

Qualquer manifestação do povo para o povo, que demonstra movimento ou costumes de um grupo de pessoas e seus antepassados, seja; danças, contos, saberes, músicas, artes, artesanato, comida e outras. (A3)

È as festas, da igreja e da rua que acontece todos os anos, que vem sendo feita desde os tempos dos nossos avós, bisavós e daí por diante e também o artesanato nosso, também as fogueiras de São João e São Pedro.. é eu acho que é isso. (A4)

Cultura popular é uma coisa que passa de pai para filho, como por exemplo, o artesanato de palha, aqui do nosso lugar e as festas que temos principalmente o reisado, o samba de palma, as festas de junho. (A5)

Ao analisarmos as respostas das artesãs, percebemos que a maioria das entrevistadas atribui à cultura popular às manifestações, festas e danças. Isso denota que há certo automatismo com relação ao significado. Ao ponto que Freire (2003) nos esclarece “quando falamos em cultura popular estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas do povo brasileiro (...)” (p.13).

Percebemos ainda com relação às falas das entrevistadas que, também existe uma compreensão de cultura popular por outro viés de múltiplas formas, sendo ela dinâmica e que retrata uma grande pluralidade de significados. Comungando com o exposto trazemos Gabriel (2008) que entende a cultura popular como:

Cultura dinâmica, presente no meio rural e urbano, que junta tradição e atualidade sempre em transformação, um encontro entre tempos e espaços, com essência de brasilidade, juntando o local com o global, o velho e novo, completando um com o poder do outro (p. 77)

Assim, podemos compreender que a cultura popular é um universo repleto de diversidade e que na comunidade de Jacunã as pessoas com seus costumes, crenças, hábitos, fazeres, artefatos e modos de viver estão inseridos nessa multiplicidade da cultura que é transmitida de geração em geração, retratando a face de um povo.

4.3.2 Principais Manifestações da Cultura Popular

Com relação às manifestações, acentuaram-se ainda mais as relações da cultura popular com as festas.

Aqui o que não falta é festa, tem festa da igreja e a festa da rua. Da igreja tem a principal que a trezena de Santo Antônio que vai do dia 1º a 13 de junho. Em quase todas as noites tem procissão do andor com a banda de pífano¹ e leilão depois da reza. Também tem a festa na rua depois da reza com sanfoneiro, forró e outras bandas. É tudo misturado. Saiu de um entra no outro (A.1)

Aqui tem a festa do Padroeiro Santo Antônio, a festa de reisado, o bumba meu boi, o samba de palma, a queima do Judas, a festa do chapéu e outras que agora eu não lembro. Essas festas são muito boas, pois nos divertimos bastante. É um momento de alegria pra todo mundo. Isso é tradição do nosso povo. (A.3)

Diante do exposto, verificamos que as festas têm um papel importante na vida dos moradores da comunidade. Sendo um momento especial de interação e de alegria para todos. Nesse sentido Murray (2008) afirma:

No país da ginga, do drible de corpo, do molejo do samba, dos passos codificados do terreiro e da malícia do golpe de capoeira, podemos afirmar que as nossas festas populares são o símbolo máximo da nossa identidade nacional e espelho coreográfico da alma do povo. Peça destaque do nosso patrimônio, onde sagrado e profano se unem e se completam, elas permitem uma leitura das características étnico-culturais de cada região do país, ao mesmo tempo em que sintetizam a natureza mestiça do brasileiro. (...) celebramos em forma de procissão, de romaria, de roda, de roda, de bloco ou de desfile, nossas festas traduzem nossa diversidade multicultural e multirracial, fazendo do Brasil um grande laboratório cultural da Idade Moderna (p. 97-98).

Portanto, e independente de período histórico, ou de etnias a função das festas populares é a mesma, representar a ação dos mitos na vida do homem, possibilitando uma vida mais apropriada por meio do equilíbrio das forças antagônicas do caos e da ordem. A esse respeito Silva (2008) salienta:

(...) em todas as épocas e em todas as regiões do planeta, as festas populares foram instrumentos fundamentais, através dos quais os homens difundiram suas diversas expressões de cultura, isto é, seus conhecimentos, artefatos, técnicas, padrões de comportamentos e atitudes (p. 87- 88)

Diante disso, salientamos que essas manifestações culturais são a afirmação do que é o povo, seus costumes, suas crenças. Tornando cada grupo único, com

¹ Grupo musical composto de quatro pessoas pertencentes a cultura popular.

características próprias, que precisam ser valorizadas e respeitadas, pois aí está a identidade de um povo.

4.3.3 Origem da Comunidade de Jacunã

Com relação à origem do nome da comunidade Jacunã, trazemos aqui o depoimento da artesã (A1). Segundo seu relato os mais velhos sempre falam para os mais novos que o nome é de origem indígena, pois as terras eram habitadas por índios.

Os mais velhos, contam que no lugar havia muitos índios. Um dia caçando, um índio atingiu uma ave chamada Jacú, Ele gritou pra sua mulher, de nome Nã: “pega o jacú, Nã, Por isso, a região desabitada ainda, entre as pedreiras, onde tinha um tanque e a outra, que era habitada, de características de terra vermelha ficou chamada de Jacunã, sendo que a parte abaixo das pedreiras já era habitada e era chamada de Lajedo de Baixo (A1)

O povo conta que a comunidade é muito antiga. Assim, (...) “é uma das mais velhas fazendas do município de Jaguarari. Tem mais de 200 anos” (MANERA, 1988, p. 25). Jacunã dista 11 km da sede do município de Jaguarari, limitando-se ao norte com a comunidade de Gameleira, ao Sul com a comunidade de Diogo, a leste com a Fazenda Malhada da Areia e a oeste com o povoado de Ponta da Serra.

Antigamente, quando a comunidade de Jacunã, ainda não era habitada, era revestida de angico², baraúna³, umbuzeiro⁴ e outras árvores nativas. Era tudo mato. As primeiras casas que ali existiam eram poucas, feitas de palha distantes umas das outras. Daí começou a surgir o povoado. O primeiro habitante do lugar foi Pedro Conceição dos Santos. Além dele o Sr. João Liberto da Silva e o Sr. Cassimiro Ferreira da Silva.

2. Nome científico: *Albizia polycephala*. Características Gerais: Altura de 8-14 m, com tronco de 40-60 cm.

3. Nome científico: *Schinopsis brasiliensis*. Descrição: Árvore com altura entre 6-15 metros, uma das mais altas da caatinga, com diâmetro variando de 20 a 60cm.

4. Nome científico: *Spondias tuberosa Arruda*. Característica árvore de pequeno porte em torno de 6m de altura, de tronco curto, esparramada, copa em forma de guarda-chuva com diâmetro de 10 a 15m projetando sombra densa sobre o solo, vida longa (100 anos).

Segundo dados das agentes de saúde que trabalham na comunidade, existem hoje quase 400 (quatrocentas) famílias. Por ser uma comunidade carente, as dificuldades são muitas: 70% das famílias recebem bolsa família, a maioria dos idosos são analfabetos e/ou semi-analfabetos, êxodo rural principalmente da juventude sem estudo e sem qualificação profissional, famílias numerosas, sem terras, baixo poder aquisitivo da população. A base econômica da comunidade consiste na criação de pequenos rebanhos de animais, agricultura de subsistência e principalmente do artesanato em palha que ainda é a principal fonte de renda da comunidade.

4.3.4 Significado de Comunidade

Com relação ao significado de comunidade as artesãs comungaram no sentido de dizer que se trata de grupo.

Grupo de pessoas que tem suas práticas, modos, costumes e outros, diferenciados, mas de alguma forma se sobressaem umas características que identificam grupos dentro do “grande” que é a comunidade, que tem potencialidades, recursos, mas também, problemas e riscos (A1)

Comunidade é vida em união. Onde todos vivem juntos e trabalham em prol do desenvolvimento comum a todos. É onde as pessoas se reúnem lutando em conjunto para alcançar os objetivos coletivos (A3)

Diante do exposto, não há como negar que a palavra comunidade evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região. Hoje em dia seria o lugar ideal onde se almejaria viver, um esconderijo dos perigos da sociedade moderna. “Comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra comunidade carrega”. (BAUMAN, 2003, p. 7). Neste sentido ela seria uma espécie de “segurança” em meio à hostilidade da vida na atual sociedade.

Ressaltamos que na vida em comunidade normalmente acontece à passagem de ações individualistas para ações de interesse coletivo, desenvolvimento de processos de interação, ações tendo em vista objetivos comuns, participação

popular ativa e direta e, maior conscientização das pessoas sobre a realidade em que estão inseridas.

4.3.5 O Surgimento do Artesanato de Palha na Comunidade

Quanto ao surgimento do artesanato de palha na comunidade, notou-se que essa cultura não teve origem em Jacunã, pois encontramos nas falas das artesãs que houve uma transculturação, onde pessoas advindas de outros lugares trouxeram consigo a arte em palha que foi se difundindo e hoje é praticada pela maioria das pessoas que residem na localidade. Para melhor enfatizar trazemos aqui as falas das artesãs:

Conta-se que no início os moradores do Lajedo de Baixo, já utilizavam palhas que tinham em abundância na região para fazerem utensílios para utilizarem na lavoura e para o manuseio da mandioca para fazer a farinha, o beiju, onde espremiam a massa, já ralada para as peneiras. Mas os chapéus e as esteiras em si só foram incorporados depois da vinda de pessoas do Cariri que usavam uma trança bem aperfeiçoada e depois com o tempo melhorou muito (A3)

Algumas pessoas apareceram aqui, vindo do Cariri e da cidade de Cabrobó de Pernambuco. E aí uns foram passando para os outros e hoje quase todo mundo aqui na comunidade sabe fazer a esteira, o bocapiu... o chapéu todo mundo sabe (A1)

Diante dos relatos podemos perceber que o artesanato local teve contribuição de outros povos que passaram a sua cultura artesanal para os moradores de Jacunã e esses por sua vez retransmitiram para seus descendentes de modo que hoje o artesanato de palha é sinônimo de identidade cultural dos moradores jacunaenses.

Portanto, compreendemos que após esse processo o trabalho artesanal se tornou e é uma profissão. Não sendo somente construído para fins de utilidade doméstica, mas também com o objetivo de venda, sendo produzido em maior escala para o comércio. Assim, o artesanato é visto como um dos meios de ocupação e atividade de geração de renda.

4. 3. 6 O Processo de Fabricação do Artesanato Jacunaense

Os artesãos buscam na natureza a matéria prima, palha do ariri⁵, depois de retirada, esta passará por diversas transformações até que fiquem em condições de manuseio para formar os produtos. Para enfatizar melhor o processo de construção trazemos o relato da artesã (A1):

O primeiro passo é retirar a palha do ariri. Depois traz pra casa e lasca elas, em seguida coloca pra secar no sol quente, depois das palhas secas é o momento de raspar com uma faca grossa e um dedo de couro que fica sobre o polegar. Depois desse processo, pega-se 13 palhas já sob medida e aparadas e começa a trançar as palhas umas nas outras. Para iniciar uma trança, junta-se uniformemente as 13 palhas que a gente chama de pernas e amarra, em seguida divide-se as mesmas em 6 segmentos para a direita e 6 para a esquerda, deixando um único segmento no meio. As palhas que ficam nas extremidades (últimas da esquerda para a direita), começam a ser entrelaçadas pelas 6 palhas de seu lado de fora entrelaçando de 2 em 2 até chegar no meio. Neste momento esta palha que está na extremidade do outro lado até que a mesma seja a nova “perna” central. Este movimento vai sendo feito até acabar com as palhas. Depois das tranças serem fabricadas são costuradas uma na outra de modo a montar uma grande trança. As tranças são costuradas com linha de caroá e uma agulha torta. Pega-se a trança e costura de modo a montar um miolo, em seguida costura-se a ponta da trança para que ela fique arredondada e aí depois é só pegar a forma feita de madeira que tem um desenho parecido a cabeça de uma pessoa, então você costura e está pronto para usar ou vender.

Ressaltamos que esse processo de produção, foi passado de geração em geração ao longo dos anos, sendo a única forma de produção da comunidade. “Quando a arte se reproduz dentro da família, é muito comum que seus membros não se preocupem com outras formas de aprendizado, outros padrões, estilos e modelos, carregando assim, por gerações o mesmo estilo” (ALEGRE, 1994, p. 63).

O artesão no processo de construção utiliza-se de simples ferramentas como a agulha de porte médio com a ponta torta, linha de caroá e/ou sisal, faca de metal, forma (molde) feito de madeira (aroeira). O trabalho artesanal, geralmente se dá de maneira individual ou com ajuda de familiares nas suas próprias residências, quintais e nas calçadas.

5. Nome científico: *Syagrus coronata*. Família botânica: Palmae. Características da planta: Flores pequenas, amarelas, em cachos que surgem predominantemente de maio a agosto.

Diante do exposto, percebemos a forma peculiar de se produzir o artesanato e o quanto é trabalhoso e difícil, desde a retirada da matéria prima até a confecção do produto. Esse trabalho exige muita força de vontade e criatividade. Ressaltamos ainda que nesse processo há o envolvimento de todos que compõem a família, mesmo sendo um trabalho exercido pelas mulheres, alguns homens, devido a sua força braçal, se encarregam de retirar a matéria prima; as crianças ajudam no manejo e até na confecção dos produtos.

Às vezes meu marido é quem arranca a palha na roça, mas é só isso que ele faz. Os meus filhos ajudam a lascar a palha e quando vamos tirar e colocar a palha no sol para secar. Também eles fazem o chapéu (A4)

Assim, podemos constatar que é através deste trabalho que os artesãos buscam seu objetivo maior que é a luta pela sobrevivência. Mesmo não sendo um trabalho tão valorizado é do artesanato que eles conseguem levar o “pão” para suas casas.

4.3.7 Comercialização dos Produtos

No que diz respeito à comercialização, o artesanato é, na maioria dos casos, uma fonte de renda para muitas famílias, que comercializam seus produtos em feiras locais, festas, nas próprias residências e em geral para atravessadores. Essa cadeia de atravessadores, que se estende do produtor até o cliente, contribui para diluir o pequeno lucro do artesão. Segundo as artesãs:

Os produtos são vendidos às pessoas que vem comprar aqui na comunidade e pagam o que querem. Também, às vezes, vendemos nas feiras livres e em algumas exposições principalmente nas festas juninas. Mas o lucro é muito pouco. As pessoas que vem comprar só querem pagar R\$ 0,70 centavos e as vezes R\$ 0,80 centavos por um chapéu grande. É muito barato (A1)

Pra vender a gente não lucra quase nada é só pra sobreviver mesmo, os homens vem comprar e pagam o que querem, e aí a gente pra não perder a gente acaba vendendo. É muito trabalho e pouco dinheiro (A3)

Sentimo-nos muitas vezes humilhadas por não termos o direito de pedir o preço que queremos por aquilo que fazemos (A5)

Diante das declarações das artesãs, fica evidente que o comércio do artesanato local é feito geralmente, por atravessadores que pagam valores irrisórios pelos produtos e acabam revendendo em grandes centros comerciais por um valor certamente muito maior do que o adquirido. Conclui-se, portanto, que o criador de riqueza passa a ser, então, o que menos a usufrui.

Então a atividade artesanal para ser compensatória, do ponto de vista econômico, necessita se tornar de fato uma atividade de mercado, deixando de ser, apenas, uma mera atividade de subsistência. Para Barroso (2002), o maior problema do artesanato doméstico é seu caráter de atividade secundária, complementar, individual, descontinuada e de difícil organização. Portanto, o principal desafio é promovê-lo, então, a real condição de produto artesanal dando-lhe profissionalismo e eficiência.

Neste contexto, a produção do artesanato vem sendo ameaçada pela desvalorização econômica. Por esse motivo, a continuidade da produção artesanal não é garantida, pois as novas gerações acabam não se interessando por esse processo que além de ser um trabalho que exige muita dedicação e labor envolve a demora no retorno financeiro, já que estas geralmente dependem de atravessadores. Então os mais jovens buscam outras atividades que proporcionem maior garantia de subsistência.

Dessa forma acreditamos que a valorização do artesanato como objeto de consumo passa a ser ao mesmo tempo uma fórmula contra o risco de extinção da atividade e uma forma de satisfação ao desejo gerado na sociedade pós-industrial. “Quem compra artesanato, está comprando também um pouco de história” (BARROSO, 2002, p. 10). A junção entre a tendência e a tradição fortalece o produto perante o mercado e possibilita ao artesão criar novas oportunidades de trabalho, mas o que realmente marca o objeto artesanal é a identidade local, a cultura que se expressa através dele.

4.3.8 Importância do Artesanato de Palha para a Comunidade de Jacunã

Além de ser um produto, o objeto artesanal traz consigo uma identidade popular, e esta identidade, juntamente com o saber fazer, faz parte do patrimônio cultural do povo que fabrica o artesanato. Assim, ele é fruto do trabalho de pessoas que o considera sua arte, pois é fruto de sua produção, de seu conhecimento próprio, sua cultura, enfim de sua vida.

O artesanato é importante porque é através dele que mostramos a nossa sabedoria. Sendo artesã, sinto-me criativa, relaxada; porque mesmo criando peças, montando-as, é como se estivesse brincando; é até um lazer, é viver em constante aprendizagem, pois sempre criando novas peças (A1)

O artesanato para mim é muito importante. É só isso que eu sei fazer. Além do mais foram meus pais que me ensinaram. É de onde eu tiro dinheiro para comprar as coisas de casa. É o meu trabalho, é a minha arte, é a minha vida (A3)

Em consonância com o exposto, fica evidente que o artesão trabalha com a história local, de sua cultura, de suas raízes e de seu povo. Assim, o artesão é um artista que coloca em seu produto sua cultura e experiência, procura valorizar os objetos através da arte manual, exclusiva e única. “Nesse cenário, o artesanato se destaca pela originalidade, porque expressa a cultura de um lugar” (FAJARDO, 2002, p. 07).

Diante disso, notamos a grande relevância do trabalho artesanal de Jacunã, pois esse traz na sua essência a tradução da cultura popular dos moradores da comunidade, denotando o saber fazer de um povo adquirido ao longo dos anos através de seus antepassados. Mesmo com essa importância toda, o risco dessa arte “acabar” é eminente, pois a defasagem da produção artesanal e a expectativa de melhores condições de vida nos grandes centros urbanos, as comunidades produtoras de artesanato, em sua maioria constituída por famílias de artesãos, vão se desfazendo ao longo do tempo. Os jovens acabam se engajando em outras atividades ligadas ao setor tecnológico ou industrial nas cidades e contribuindo para a erradicação de suas raízes culturais.

4.3.9 A Esperança no Horizonte: Caminhos a Serem Percorridos

A cultura da comunidade de Jacunã está voltada para a produção do artesanato, notamos que ao utilizar suas habilidades, as artesãs encontram nesse trabalho um objetivo maior que é a luta pela sobrevivência. A valorização e o reconhecimento do produto artesanal dependem de alguns caminhos a serem percorridos.

Nesse sentido, percebemos que a comunidade começa a vislumbrar um novo horizonte cheio de esperança e prosperidades, pois atualmente estão participando de cursos e capacitações com o intuito de melhorar o produto e de modo geral agregar valor ao mesmo.

Estamos participando de cursos, que nos ajuda a melhorar os nossos produtos. Nós já sabemos fazer e eles vêm nos ajudar a melhorar um pouco para que fiquem mais bonitos e assim a gente ganha mais dinheiro. É um sonho. A gente sabe que é difícil, mas vamos lá (A3)

Os cursos são ministrados na própria comunidade desenvolvidos em parceria com a Prefeitura Municipal, SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Instituto Mauá. Surgem para fortalecer e dar suporte aos artesãos, resgatando a auto-estima das pessoas que se encontram à margem da sociedade, sem perspectivas, tendo seu trabalho desvalorizado.

Como o artesanato de palha é a principal fonte econômica da comunidade as artesãs querem fabricar os produtos em grande quantidade para que possam vender e ter de imediato o tão sonhado retorno financeiro.

Eu tenho muita fé e não deixo de trabalhar com a palha, vejo o povo desanimado com os seus produtos guardados, dizendo que não vão mais fazer. Eu fico triste e rezo muito, sempre com a esperança de que um dia irá aparecer uma pessoa para comprar nossos objetos (A2)

Podemos constatar que há o imediatismo em ter o retorno financeiro. Mas não dá para pensar somente na venda a priori do produto. O processo é lento e exige fé, determinação, persistência e muita cooperação de todos. É preciso, por exemplo,

pensar na matéria prima que a cada dia fica mais difícil de ser encontrada nas proximidades da comunidade. Sem matéria prima não há produto. A artesã (A1) alerta:

Antigamente, quando aqui era tudo mata a palha existia em abundância. As pessoas colocaram o gado nas roças arrancando assim os troncos da palha, outros fizeram roçagens e queimadas e também ocorreram várias secas e isso contribuiu para a escassez da palha e o sofrimento do povo em nossa comunidade.

Nesse sentido, existe a preocupação dos habitantes da comunidade na comprovação de que a palha do ariri (matéria prima) está acabando em todos os lugares que ainda existe, e que ninguém se preocupa em repor o que é retirado da natureza. Assim, torna-se imprescindível um trabalho de conscientização dos artesãos para o manejo sustentável da palha do ariri, pois dele depende a sobrevivência de muitas pessoas e também a continuidade da atividade artesanal que é a riqueza cultural do povo de Jacunã.

É seguindo estes e outros preceitos que os cursos de capacitações para os artesãos estão começando a produzir frutos e proporcionam aos envolvidos a melhoria na organização (associação), confecção dos produtos, melhorando o formato das peças e agregando valor ao produto. Vale salientar que já ocorrem alguns avanços significativos, segundo a artesã (A3)

Hoje com os cursos, temos carteirinha do artesão. Alguns produtos estão indo pra Salvador, onde são expostos nas feiras do artesão da Bahia. Falta muito ainda, mas já é um bom começo. As peças ficam mais bonitas e o valor aumenta.

Diante desse cenário promissor, notamos que apesar de algumas desconfianças as artesãs já se sentem mais confiantes e com entusiasmo para continuar fazendo o que sabem o que gostam de fazer.

Eu pretendo continuar trabalhando com a palha até meu último dia de vida, pois é uma herança deixada por nossos pais e avós. Também, é a única coisa que sabemos fazer (A4)

Portanto, o artesanato é algo que envolve o ato criativo e emotivo das pessoas, pois nele está enraizado a história e cultura de um povo. Cujo saber se passa pela tradição familiar, sendo expressão da cultura popular em suas múltiplas faces.

Em face do exposto, afirmamos que conciliar conhecimento, habilidades e tecnologia com estrutura e apoio, tornam caminhos imprescindíveis para a valorização do artesanato, desenvolvimento de indivíduos e comunidades que não têm facilmente oportunidades de crescimento. Assim, portanto, o desenvolvimento de tecnologias ou a globalização da economia não devem ser empecilhos ou barreiras, mas estímulo, capaz de ultrapassar limites e fomentar sucesso, possibilitando enriquecimento da consciência e crescimento pessoal de cada pessoa envolvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oportunidade vivenciada durante o processo de pesquisa possibilitou conhecer, com mais profundidade, o cotidiano das artesãs, a prática artesanal, suas alegrias e dificuldades na criação e na comercialização dos produtos da palha. Foi nesse processo de viver e conviver a vida comunitária que foi possível tirar conclusões não apenas numéricas e concretas, mas também aquelas que percebemos no olhar, no sorriso, nas mãos, nas atitudes, em fim no modo de viver. Portanto, as considerações das análises apresentadas não serão apenas de dados apreendidos das questões objetivas do questionário, mas também daqueles comentários que foram por demais representativos para este trabalho.

Pautados na fundamentação teórica e principalmente nos dados coletados dessa pesquisa, constatamos que o artesanato de palha se apresenta como uma manifestação da cultura popular que mantém viva a tradição dos antepassados da comunidade de Jacunã, correspondendo a um processo vivo de aprendizado, transmissão e recriação de fazeres e saberes que identificam um povo.

Os artesãos de Jacunã aprenderam o ofício de trabalhar com palha do ariri, através dos ensinamentos de seus familiares passados de geração para geração. Essa atividade é praticada por quase toda a comunidade, sendo uma tarefa desenvolvida geralmente pelas mulheres. Conta-se que a origem dessa atividade se deu pela transculturação, onde pessoas advindas de outros lugares ao chegar à comunidade trouxeram consigo a arte em palha, transmitindo aos moradores que já existiam e esses retransmitiram para seus descendentes.

Constatamos ainda, que o trabalho artesanal é desenvolvido, geralmente de maneira individual ou com ajuda de familiares nas suas próprias residências, quintais e nas calçadas. Esse trabalho é difícil, exigindo muita força de vontade e criatividade, desde a retirada da matéria prima até a confecção do produto.

Considerando as perspectivas das artesãs o artesanato é importante por simbolizar e materializar o saber fazer de Jacunã, fazendo parte do patrimônio

cultural de quem o fabrica e, além disso, representa trabalho e renda. É através do fazer diário e comum, que as artesãs demonstram sabedoria e criatividade na confecção dos produtos, mantendo a tradição, expressando através dos objetos a cultura e a identidade local.

Podemos acentuar que é através desse trabalho que os artesãos buscam seu objetivo maior que é a luta pela sobrevivência. O artesanato é na maioria das vezes a principal atividade econômica de muitas famílias que comercializam diretamente seus produtos em feiras locais, residências, exposições e indiretamente por meio de atravessadores.

Considerando as dificuldades o artesanato, desempenha um papel social e econômico relevante. Mesmo que seja um trabalho lento, uma vez que mexe com necessidades imediatas, com a destreza das artesãs, com seus sentimentos, angústias, necessidades e, principalmente interesses e prioridades, são muitos os motivos para dar continuidade e maior notoriedade a esta tão importante atividade desenvolvida por toda a comunidade.

Diante do exposto, verificamos que o artesanato de palha faz parte da história dos habitantes de Jacunã, sendo de enorme relevância compreender a importância que esta atividade tem sobre a vida social e econômica das famílias e da comunidade. Sua produção e comercialização compatível oportunizam o equilíbrio e a preservação da cultura bem como representam renda capaz de fornecer meios de subsistência condigna à mão de obra empregada. Desse modo o artesanato pode ser efetivamente, um importante elemento propulsor de inclusão social e de melhoria de qualidade da vida das populações carentes.

Este trabalho se apresenta ainda, embora reconheçamos as suas limitações, como uma fonte de provocação para estudos futuros no tocante a cultura popular do artesanato de palha da comunidade de Jacunã, no sentido de valorizar os conhecimentos e fazeres do povo, não desvinculando o estilo de vida, hábitos e costumes vigentes na área de sua produção cultural.

REFERÊNCIAS

ALEGRE, Sílvia Porto. **Mãos de Mestre: Itinerários da arte e da tradição**. São Paulo: Maltese, 1994. 140 p.

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular?** Série: Primeiros Passos da editora Brasiliense 1982.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. **Fundamentos de metodologia**. 2ª edição ampliada. São Paulo: Makon Books, 2000.

BARROSO, E. N. **Curso design, identidade cultural e artesanato**. Fortaleza: SEBRAE / FIEC, 2002. módulos 1e 2.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zajar Ed., 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. Ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd, BOSI, Alfredo et al. **Cultura brasileira: tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. 10ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1986. (Coleção Meios de comunicação social, 6. Série Pesquisa, 1)

BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANCLINI, Nestor Garcia. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CHAUÍ, Marilene. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 7ª. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003 (Coleção prospectiva; 5)

CRUZ NETO, Otávio. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. IN. Maria Cecília de Souza Mynaio. Pesquisa social: teoria, método e Criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994 (51-66).

ESTEVAM, Carlos. Arte popular revolucionaria. Os funcionarios da Servidão. IN: - **A Questão da Cultura Popular**. Rio de Janeiro, 1963.

FAJARDO, Elias; COLAGE, Eloi; JOSSERT, Gilda. **Fios e fibras: oficina de artesanato**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular e educação popular: memórias dos anos 60**. Osmar Fávero (organizador). – Rio de Janeiro: Edições Geral, 1983.

FICHTER, J. H. Definições para uso didático in: Fernandes, Florestan. **Comunidade e Sociedade: leitura sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação**. SP, Ed Nacional, EDUSP, 1973

FREIRE, Beatriz Muniz. O que é, o que é: Folclore e Cultura Popular. In: **Boletim Salto para o Futuro. Cultura Popular e Educação**. Rio de Janeiro: TV Escola, fevereiro 2003.

GABRIEL, Eleonora. Linguagens Artísticas da Cultura Popular. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008

GOODE e Hatt, K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo, CIA. Editora Nacional. 1968.

GRESSLER, L. A. **Pesquisa educacional**. 3ª edição. São Paulo: Loyola, 1989.

GULLAR, Ferreira. **Cultura posta em questão**. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira, 1965.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura. Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEITE, R. Proença. **Cultura Popular e Artesanato: Dilemas do preservar e consumir**. São Cristóvão: XI CISO, 2003.

LIMA, A. A. M.; AZEVEDO, I. M. **O Artesanato nordestino: características e problemática atual**. Fortaleza: Banco do Nordeste/ETENE, 1982.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MANERA, Valdira Bonfim et al. **História na Mão**. Jaguarari, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1986.

MARINHO, Heliana. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios**. SEBRAE, Rio de Janeiro, 2007. Acessado em: 01/02/2011. Disponível em: <http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/subarea2?OpenForm&AutoFramed&jmm=ARTESANATO>

MONTAGU, Ashley. **Introdução à antropologia**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MURRAY, Charles. As Festas Populares como Objeto de Memória. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

NOVAES, Carlos Eduardo; RODRIGUES, Vilmar. **Capitalismo para principiantes**. São Paulo: Ática, 1984.

RAUPP, Fabiano Maury e Ilse Maria Beuren. **Metodologia da Pesquisa Aplicável às Ciências Sociais**. IN. Ilse Maria Beuren (org.). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2003.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 14^o ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. **Antropologia cultural e análise da cultura subalterna**. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SILVA, René Marc da Costa. Memória, Identidade e Patrimônio. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.

TAVEIRA, Eleonora Barreto. **A pesquisa do/no cotidiano e suas múltiplas possibilidades de apresentação**. IN. Inês Barbosa de Oliveira e Nilda Alves (orgs.). Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. 2^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. (p. 109-129).

VIANNA, Letícia. Patrimônio Imaterial: Novas Leis para Preservar ... o quê? In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 20

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: FERNANDES, Florestan. (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140- 143.

ANEXOS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII

NOME: _____

QUESTIONÁRIO FECHADO

1. Seu Sexo:

- A. () Feminino
- B. () Masculino

2. Qual seu estado civil?

- A. () Solteiro (a)
- B. () Casado (a)
- C. () Separado (a)
- D. () Viúvo (a)

3. Tem filhos:

- A. () Não
- B. () Entre 01 ou 03 filhos
- C. () Entre 03 ou 05 filhos
- D. () Acima de 05 filhos

4. Sua faixa etária:

- A. () Entre 20 e 30 anos
- B. () Entre 30 e 40 anos
- C. () Entre 40 e 50 anos
- D. () Acima de 50 Anos

5. Seu nível de escolaridade:

- A. () Analfabeto (a)
- B. () Alfabetizado (a)
- C. () Ensino Fundamental
- D. () Ensino Médio
- E. () Nível superior

6. Sua Religião:

- A. () Católico (a)
- B. () Evangélico (a)
- C. () Espírita
- D. () Praticante do Candomblé
- E. () Sem religião

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS VII

NOME: _____

ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. O que você entende por cultura popular?
2. Você sabe falar sobre a origem do nome da comunidade de Jacunã?
3. Como você define Comunidade?
4. Com relação ao artesanato de palha, como surgiu aqui na comunidade?
5. Na sua concepção, qual a importância do artesanato de palha?
6. Descreva o processo de produção.
7. Como é feita a extração da matéria prima? E como é transportada?
8. Como se sente, sendo artesã? Por quê?
9. Você passa e/ou pretende repassar esse conhecimento da Cultura do artesanato de palha para as futuras gerações?
10. Qual a contribuição do artesanato de palha para cultura e para a comunidade local?

ILUSTRAÇÕES DO ARTESANATO DE PALHA





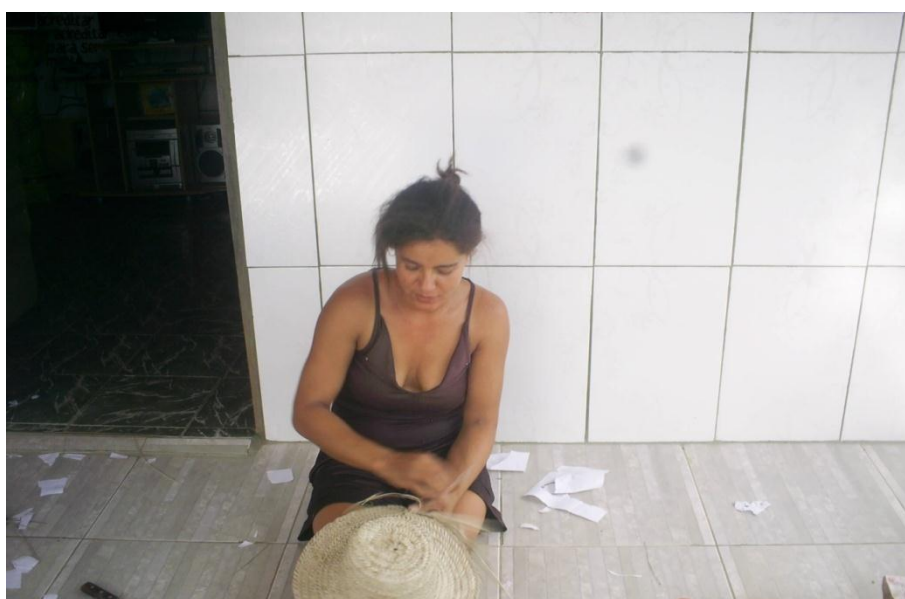
ARTESÃ RASPANDO A PALHA: UTILIZANDO A FACA E DEDO DE COURO



ARTESÃ CONFECCIONANDO O TRANÇADO



TRANÇADO EM DESENVOLVIMENTO



ARTESÃ COSTURANDO O CHAPÉU: UTILIZANDO O MOLDE DE MADEIRA E AGULHA TORTA



JOVEM UTILIZANDO CHAPÉU CONFECCIONADO PELAS ARTESÃS